

NOVA LUZ SOBRE O LIVRO DE DZYAN

Por David Reigle

Desde a identificação positiva dos livros de Kiu-Te com os tantras budistas tibetanos (rgyud-sde), suspeitei, por muito tempo, de que o livro de Dzyan, do qual se traduziram as estâncias na “Doutrina Secreta”, poderiam ser o Mula (Raiz) Kalachakra Tantra, por várias razões:

- (1) O Kalachakra Tantra Laghu (abreviado) e seus textos associados sempre são os primeiros entre os Livros de Kiu-Te, em qualquer edição dos Discursos do Buddha, o Kangyur. Da mesma maneira, H.P. Blavatsky declara que o Livro de Dzyan “é o primeiro volume dos Comentários (também secretos) sobre os sete fólios secretos de Kiu-Te e um Glossário das obras públicas homólogas.” Devemos considerar que os tantras raiz perdidos são, em realidade, explicativos e doutrinários, segundo notou D.L. Snellgrove, baseando-se nas citações do perdido Mula Hevajra Tantra.
- (2) O ensinamento do Kalachakra é considerado o campo especial do Panchen Lama e de seu monastério, Tashi-Lhumpo, situado próximo a Shigatse, onde funcionou o maior centro de estudos do Kalachakra no Tibete. Também se sabe que por ali moravam os Mahatmas que deram a H.P. Blavatsky grande parte do material da *Doutrina Secreta*.
- (3) Segundo a tradição indo-tibetana, a doutrina Kalachakra provém diretamente de Shambala, como se sabe dos “Ensinos de Shambala”. Na literatura teosófica, vemos que Shambala é a fonte do ensinamento da Sabedoria Perene, da qual a *Doutrina Secreta* é uma porção direta.
- (4) A gênese do sistema dos mundos e de seus habitantes é o tema da primeira seção do Kalachakra Tantra, a única seção que se pode considerar abertamente. Da mesma forma, a cosmogênese e a antropogênese constituem o tema da *Doutrina Secreta*. Os ensinamentos cosmológicos não têm a mesma ênfase em outros livros de Kiu-Te, como o Tantra Chakrasamvara, o Tantra Guhyasamaja etc.
- (5) Como mostrado em outra ocasião, o termo “Dzyan” é uma tradução fonética do sânscrito “jñāna”, que significa sabedoria, o resultado de dhyāna ou meditação. “Jñāna” é também o título da quinta e última seção do Kalachakra Tantra, sua parte mais esotérica.

No ano seguinte notei que a referência da Doutrina Secreta ao Livro de Dzyan (11) sobre os dvipas, em realidade, não se refere à estância alguma com esse número na Doutrina Secreta, senão a cadeia de globos de nosso planeta, chamados dvipas (exotericamente: ilhas ou continentes) e sua posição dentro dos planos de existência indicados pelas direções da bússola. Naturalmente me perguntei se isso poderia se referir ao Kalachakra Tantra. Visto que o Laghu Kalachakra Tantra existente fora publicado na Índia em 1966 no original em sânscrito junto às suas traduções, tibetana e mongol, foi fácil comparar este assunto com o seu verso 11. Aqui está tradução da primeira seção:

Desde o final do vento até os confins do vento, sobre a superfície sólida da Terra se encontram dvipas, montanhas e oceanos; metade de quatro, 200.000; o anel de fogo e vento é de 200.000 léguas. No meio está Meru, acima do qual giram o dia e a noite e o zodíaco junto às estrelas. Em seis zonas, duas vezes 200.000, nascem os três mundos da união do tempo.

É evidente que esta classe de livros nunca poderia ser compreendida sem um comentário oral e escrito. Existe um grande comentário do Kalachakra escrito por Pundarika, o segundo Rei Kalki de Shambhala. No Tibete é tão valorizado que tem a distinção de ser o único comentário incluído em uma edição dos Discursos de Buddha, o Kangyur. Naturalmente, todos esses comentários pertencem à porção explicativa do cânone budista tibetano, o Tengyur. O comentário é intitulado Vimalaprabha (Luz Imaculada) e foi escrito, originalmente, em sânscrito, que segundo se diz, era a língua de Shambhala. Atualmente existem oito manuscritos desta obra no original em sânscrito. E aqui, pela primeira vez, utilizando-se de microfílm de três desses manuscritos e uma comparação com as traduções tibetanas, o texto sânscrito de três versos é editado, começando pelo 11.

“Agora se declara a medida horizontal (deste sistema de mundo). Desde o fim do vento (vayu) até os confins do vento, são 400.000 léguas; desde uma extremidade do (reino do) vento a outra, desde o Oriente até o fim do anel do vento no Ocidente e, analogamente, desde o Sul ao final do Norte.

Na superfície sólida da Terra (dharani), se encontram dvipas, montanhas e oceanos. Lá, dentro da mandala do vento, se encontra a mandala do fogo em forma de anel. Da mesma forma: dentro do anel de fogo está o anel d'água e dentro deste está o anel da terra (prthvi). Assim, esta é a superfície sólida da Terra, sobre a qual estão seis dvipas, seis montanhas e seis oceanos. Junto ao anel d'água, como sétimo, existem sete oceanos: Junto a Jambudvipa, como sétimo, existem sete dvipas; junto à montanha-Vajra, existem sete montanhas. A montanha-Vajra é o fogo submarino. Está situado por debaixo do final da água do oceano salgado na divisão horizontal. O oceano salgado está situado no final da terra, Grande Jambudvipa, em todas as direções (ao redor dela) e por debaixo dela.

De uma extremidade do oceano salgado a outra se calcula a metade de 400.000 léguas. A metade de quatro, 200.000: do meio do Meru até o final do anel do oceano salgado até o Sul e o Norte, há 200.000 léguas; 100.000 até o Sul e 100.000 até o Norte. O mesmo no caso do Leste e do Oeste, do Noroeste e do Sudeste, do Sudoeste e do Nordeste.

O anel de fogo e de vento é de 200.000 léguas: desde o anel do oceano salgado, cruzando o anel de fogo e do vento até o Sul e o Norte, há 200.00 léguas: 100.000 até o Sul e 100.000 até o Norte e também em todas as direções.

No meio está Meru, sobre o qual giram o dia e a noite, o zodíaco junto às estrelas: no meio está o Meru. O que é este Meru? É aquele sobre o qual giram o zodíaco, os doze raios, junto às estrelas, a miríade infinita de estrelas, o dia e a noite. Qual a palavra apropriada aqui? Existe outro Meru ao qual este discurso poderia se referir? Afirmar-se-á assim. Também se entende Mandara com o nome Meru. A fim de se fazer uma distinção de Mandara, Meru é a palavra apropriada.

Em seis zonas, duas vezes 200.000, expressa-se em séries (dois por dois), acima e embaixo, oriente e ocidente, sul e norte; em seis zonas, desde o meio do anel da terra duas vezes 200.000 léguas.

Todos os três mundos são o céu (svarga), o mundo dos mortais (martya) e o mundo do inferno (patala). Todos os três mundos nascem da união do tempo: nascem por meio do poder da destruição e da origem do tempo, da união do tempo e dos ventos samdharana, manthana e samsthana¹ com o propósito de reunir os frutos e as ações boas e más dos seres sencientes.”

Desde a extremidade do vento até os confins do Meru, os infernos e a Cidade das Serpentes, estendem-se 200.000 léguas. A medida do Meru é de 100.000; da morda da haste dos planetas, o pescoço é de 25.000 léguas, a face, 50.000 e o local fixo da Estrela Polar é 25. Fora disto, há o espaço sozinho, desprovido dos três mundos, sem qualidades, nem elementos.

“Desde a extremidade do vento até os confins do Meru: Em baixo das mandalas da terra, da água e do fogo, encontra-se a mandala do vento no reino do akasha. Desde a extremidade daquela mandala do vento, até o Meru, estão sete infernos (narakas) e o oitavo, a Cidade das Serpentes.

Entre os infernos e a Cidade das Serpentes há 200.000 léguas (de baixo para cima). Aqui a mandala do vento mede 50.000 léguas de altura. Aqui estão dois infernos, o Soprar do Grande Vento e da Grande Escuridão. Cada um tem uma divisão de 25.000 léguas de baixo para cima. Sua medida horizontal, a largura, é a medida do anel desta terra.

Da mesma forma, no anel de fogo se encontram dois infernos. Um é o inferno de fogo (agni), sobre o qual está o inferno de Fumaça Quente. Também no anel da água existem dois infernos, a água lamacenta, uma mistura de água e lodo e a água arenosa, uma mistura de água e areia. Estes são muito frios.

No anel da terra está o inferno da água de cascalho, que mede 25.000 léguas de altura. Sobre este se encontra a Cidade das Serpentes, estendendo-se por 25.000 léguas de baixo para cima. Esta medida é dupla. Metade é o mundo demoníaco (asura) e metade é o das serpentes (naga).

Da mesma forma, o corpo, desde as plantas dos pés até a cintura, é a medida das duas mãos. Ao ter feito oito divisões dessas duas mãos, cada divisão deve se reunir como numa série de infernos e na Cidade das Serpentes.

A medida de Meru é 100.000: Desde a mandala da terra, a medida do Meru, de baixo para cima, é de 100.000 léguas. No corpo, é uma mão da cintura até a base do pescoço. Lá é onde gira a haste de planetas.

Dessa morada da haste de planetas, o pescoço do Meru é de 25.000 léguas de baixo para cima. No corpo é a medida de seis dedos.

De lá, o rosto é de 50.000 léguas, o rosto do Meru, do pescoço até o topo da testa. No corpo são 12 dedos.

De lá, o local fixo da estrela Polar, a coroa é 25.000 léguas de baixo para cima. No corpo, a medida são seis dedos da testa até o local do topete.

¹ Samdharana significa “manter unido”, sustentar a vida (como num útero); manathana significa agitar ou esfregar (acender fogo por meio de fricção); samsthana significa “estar junto”, dar forma.

Fora deste existe o vazio (shunyata) sozinho, (não composto), desprovido dos três mundos, sem qualidades e sem elementos: O mundo que será explicitado. Fora e abaixo da mandala do vento e sobre a coroa, existe o vazio sozinho. A forma de um único átomo último (paranama-anu) é o sistema do mundo quádruplo. O vazio sozinho (se explicitará) e não há de se entendê-lo como o akasha onipresente.

Portanto: 400.000 léguas é a medida do sistema de mundos. No corpo é de quatro mãos. Uma mão consiste na medida de 24 dedos.”

Desde o tempo, nos espaços, o vento, o fogo, a água, a terra dvipas, as montanhas, os oceanos, as constelações, a lua, o sol, a hoste de estrelas e de planetas, os Rishis, os deuses, os elementares, as serpentes, os animais, os quatro modos de nascimento, a terra múltipla e os infernos, os seres humanos e infernais, nascem no meio do espaço, como o sal e a água e o que nasce do ovo no interior do ovo.

“Há de se conhecer a origem e a cessação do sistema de mundos (loka-dhatu) e o tempo de sua periódica destruição e criação. Depois de sua destruição periódica, agora vamos explicar (sua recriação) através do poder do tempo de origem nos vazios (shunyas). Os vazios, em referência com os mundos, são estabelecidos por meio dos átomos últimos, mas além dos sentidos como a visão etc. A terra, a água, o fogo, o vento e o gosto são as suas substâncias que têm, inerente e respectivamente, cinco, quatro, três, dois e uma qualidade (guna). A sexta qualidade é o dharmadhatu onipresente. Assim se explicam os vazios.

Entre esses átomos últimos de vazio, nascidos através do poder do tempo de origem, explicar-se-ão os átomos do vento. Entre esses átomos últimos, no meio do vazio, primeiro há os átomos últimos do vento, envoltos uns nos outros. Desta união procede a facilidade de movimento. Assim se explica o vento.

De maneira análoga: os cinco átomos últimos estão envoltos pelos átomos últimos do vento e sua conjunção com os do vento, produz o relâmpago. Assim se explica o fogo.

De igual forma: os átomos últimos da água estão envoltos pelos átomos últimos do vento e fogo, a sua união com estes produz a chuva. Assim se explica a água.

Analogamente: os átomos últimos da terra estão envoltos pelos átomos últimos do vento, do fogo e da água, a sua conjunção causa a aparição do arco-íris no céu. Assim se explica a terra.

Os átomos últimos do gosto são onipresentes. Assim, nos cinco espaços se encontram o vento, o fogo, a água e a terra.

Por meio da força dos ventos samdharana, manthana e samsthana derivam os dvipas, as montanhas e os oceanos. Existem sete dvipas, sete montanhas e sete oceanos.

As constelações, a lua, o sol, a hoste de estrelas e planetas e os Rishis: Há 27 constelações (nakstaras ou as mansões da Lua). Seus associados são infinitos. A lua e o sol são esféricos. Na hoste de estrelas e planetas, Marte tem forma de estrela. Os Rishis são sete estrelas (a Ursa Maior).

Deuses, elementares e serpentes. Os deuses (devas) são os habitantes dos céus, começando com o céu dos reais guardiões dos quatro quartos (o céu inferior). Os elementares (bhutas) são Aparajita (os Invencíveis), os fantasmas etc. As serpentes (nagas) são Ananta (“Infinito”, outro nome de Sessa, o rei dos nagas).

Animais dos quatro modos de nascimento: Os nascidos do ovo, isto é, Garuda, o rei mítico das aves etc, procedem da matriz do vento. Os nascidos do útero, Gajendra, “Senhor dos Elefantes”, etc, procedem da matriz do fogo. Os nascidos do suor, os vermes, as borboletas, as formigas etc procedem da matriz da água. Os autoproduzidos (os sem pais), isto é, as árvores etc, procedem da matriz da Terra. Também os grandes autoproduzidos procedem da matriz do gosto.

A terra múltipla e os infernos múltiplos (tala): a Terra (mahi) é a interpretação encontrada no texto (o verso sobre o qual o comentário se dá é do Kalachakra Tantra). Essa Terra é múltipla. A Terra múltipla será explicada. Consiste de sete dvipas e doze divisões. Seus submundos são os múltiplos submundos da Terra que consistem no mundo das serpentes e no mundo infernal sétuplo. Nesse submundo, sobre a Terra múltipla, vivem os humanos e no submundo, no inferno (naraka), vivem os seres infernais. O mundo *e ca* significa conjunção (na linha em que se está comentando sobre os seres humanos e infernais).

Nascidos no meio do espaço, como o sal na água e os nascidos do ovo no meio do ovo: Aqui se apresenta uma analogia: o surgimento dos imóveis (plantas, minerais etc) é análogo ao sal e o surgimento dos móveis (animais, humanos etc) é análogo ao ovo. A palavra *ca* é uma conjunção. Como os átomos últimos de água salgada se convertem em sal áspero por meio do contato com a luz do sol, assim como o Meru etc (ainda que seja sólido pode surgir em algo não sólido: o espaço). Assim se conhecem os imóveis. Como os átomos últimos do fluido seminal no centro do óvulo se convertem nos membros do corpo: o rosto, o tronco, etc, assim há de que se conhecer os seres móveis (os seres que podem surgir aparentemente no espaço sem vida).

A origem deste sistema de mundos se explicará detalhadamente na quinta seção (a última seção do Kalachakra Tantra).”

[Texto de autoria de David Reigle. Traduzido por Bruno Carlucci, com permissão do autor, para a seção em português do site do Eastern Tradition Institute, em abril de 2016, a partir da tradução em espanhol disponível na seção em espanhol do site. Manteve-se o mesmo modelo de transliteração livre dos termos em sânscrito, presente na tradução em espanhol].